

Actas das IV Jornadas Arqueológicas (Lisboa 1990), Associação dos Arqueólogos Portugueses, Lisboa 1991.

A RECONSTRUÇÃO DE GRANDES ESTRUTURAS EM POVOADOS CALCOLÍTICOS ALGUMAS CONSIDERAÇÕES A PROPÓSITO DO EXEMPLO DE LECEIA

João Luís Cardoso

1. Introdução

As escavações iniciadas no povoado pré-histórico de Leceia, em 1983, foram, em grande parte, motivadas pelo estado de degradação acelerado em que se encontrava a jazida. Para além de numerosos buracos, abertos a retroescavadora, em plena área arqueológica, destinados ao plantio de árvores, tinha-se construído um redondel para touradas, cujas fundações vieram, igualmente, afectar as estruturas arqueológicas subjacentes. A jazida corria o risco de desaparecer rapidamente, não obstante se encontrar classificada, como "Imóvel de Interesse Público", desde 1963.

Outra ameaça era constituída pela existência de um projecto de urbanização, que atingia grande parte da área de interesse arqueológico e que se encontrava, também, em fase adiantada de apreciação.

Tais factos resultavam, em parte, da indefinição, em planta, da área de efectivo interesse arqueológico. De facto, a única planta disponível era a de autoria de Carlos Ribeiro, datada de 1878 a qual, além de muito exagerada na delimitação da área da estação, era de aplicação legal irrealista, visto abarcar toda a actual povoação de Leceia.

Além das ameaças referidas, outras, de contornos mais difusos, afectavam a jazida:

— pressão urbanística na zona envolvente consubstanciada, em geral, por construções de fraca qualidade arquitectónica;

— presença frequente de curiosos que delapidavam, continuamente, a jazida,

Como atrás se disse, tais factos motivaram e apressaram o início dos trabalhos de escavação, ainda em 1983.

Uma das preocupações imediatas consistia na delimitação da área de real interesse arqueológico (*Zona Non Aedificandi*). Com a publicação da Portaria 186/86, ficava esta legalmente definida, bem como Zona de Protecção Especial, tendo em vista tratamento paisagístico adequado da zona envolvente, em fase ulterior.

Se, do ponto de vista legal, a jazida se encontrava definitivamente protegida, fisicamente a sua salvaguarda ficou assegurada através da colocação de vedação metálica, no perímetro correspondente à *Zona Non Aedificandi*, pela Câmara Municipal de Oeiras. Desta forma, Leceia pode desde já ser considerado como exemplo paradigmático de colaboração entre a Autarquia e o IPPC: o processo de classificação teve a colaboração activa da Câmara, bem como a fase ulterior; com efeito, as escavações plurianuais realizadas só se tornaram possíveis graças à colaboração concedida por ambas as entidades ao signatário, na qualidade de coordenador dos trabalhos arqueológicos.

Os resultados obtidos ao fim de sete anos de campanhas anuais de escavações (1983-1989), demonstram a importância excepcional, do ponto de vista científico e patrimonial de Leceia. A publicação assídua dos resultados científicos obtidos, já corporizada em trabalho de índole monográfica (Cardoso 1989a), tem sido acompanhada por divulgação junto do grande público, através de exposições e publicações regionais (Cardoso 1986; 1989b).

As preocupações apontadas — divulgação dos resultados junto da comunidade científica e da população em geral — teriam de ter resposta ao nível do tratamento da própria área arqueológica. Desta forma, e tendo em consideração um dos objectivos finais dos trabalhos — a recuperação integral da jazida, tendo em vista o seu aproveitamento turístico-cultural — iniciaram-se, em 1988, as acções de reconstrução das estruturas arqueológicas.

2. Trabalhos realizados

2.1. Generalidades

A reconstrução das estruturas postas a descoberto em qualquer estação arqueológica reveste-se de interesse simultâneo para vários fins, a saber:

1 — Acções de conservação: ao se promover o alteamento de muros, está-se a proteger a parte original desses mesmos muros, posta a descoberto pela escavação. Tal finalidade encontra, nas estruturas de Leceia, um exemplo paradigmático de aplicação. De facto, tratam-se de muros de pedra seca, não aparelhados, muito sensíveis às acções desagregadoras, mecânicas e químicas, dos agentes naturais: aos desmoronamentos das estruturas, soma-se a alteração/fracção dos blocos dele constituintes, com a sua conseqüente desagregação. O património arqueológico é uma riqueza frágil e não renovável (Real 1989). É necessário que os arqueólogos, cada vez mais, se consciencializem deste facto, e admitam que o "trabalho nobre" não se esgota na escavação e na publicação dos resultados. É claro que cair no extremo oposto, é atitude irrealista. Haverá que proceder com método, definindo critérios que justifiquem a adopção de medidas de valorização de um monumento ou sítio arqueológico. Alarcão (1987) apresenta análise aprofundada da situação em Portugal, apresentando objectivamente critérios que, em seu entender podem condicionar aquela escolha. Tendo em consideração este trabalho, verifica-se que Leceia reúne todas as condições para justificar o projecto de valorização em curso, como também para ser incluída, de pleno direito, em circuito turístico (já se encontra assinalada no mapa das estradas de Portugal, na edição do Automóvel Club de Portugal...).

2 — Tornar as ruínas mais aliciantes. Parte do êxito obtido nalgumas (infelizmente muito poucas — Conimbriga é caso quase único) estações arqueológicas, deve-se à simples regra de conservar os espaços arqueológicos nas melhores condições de visita. No caso de Leceia, para além das condições gerais de arranjo e limpeza, afigurava-se imperativo a recuperação parcial das estruturas, por forma a torná-las mais perceptíveis ao grande público.

Tais acções serão complementadas por outras, nomeadamente a organização de diversos circuitos de visita, de acordo com os diversos graus de interesse dos visitantes e a sinalização de estruturas dispostas ao longo daqueles circuitos. Neste contexto se insere a recuperação de pequeno moínho, na zona arqueológica, com o objectivo de expor, permanentemente, as peças mais significativas recolhidas nas escavações. Tratou-se de obra integralmente custeada pela Câmara Municipal de Oeiras, cujo início de funcionamento se verificou em Junho de 1989. A este propósito, é importante registar a opinião de A. Alarcão (1988), particularmente no que respeita ao papel das autarquias neste tipo de iniciativas.

Impõe-se, igualmente, o adequado tratamento paisagístico do espaço envolvente, correspondente à Zona de Protecção Especial. Nesse sentido, deverão iniciar-se dentro em breve os processos conducentes à aquisição, pela Câmara Municipal de Oeiras, dos respectivos terrenos; desta forma, poderá o concelho adquirir amplo espaço de lazer, complemento directo do próprio espaço arqueológico.

Com a concretização das acções descritas, crê-se que Leceia passará a ser local de visita obrigatória, no contexto das estações arqueológicas da mesma época existentes no país, que a importância dos restos postos a descoberto, as potencialidades de aproveitamento que oferece e a facilidade dos acessos, a um tempo justificam e impõem. Trata-se, finalmente, de transformar um património inerte, num sítio com vida própria, gerador de receitas que viabilizem (ou ajudem...) a sua própria manutenção.

2.2. Aspectos técnicos

As estruturas postas a descoberto em Leceia, como em qualquer outro grande povoado calcolítico, podem agrupar-se em:

— grandes estruturas, correspondentes a construções defensivas (Muralhas, Bastiões, Entradas, etc.) ou habitacionais;

— pequenas estruturas elementares (lageados, lareiras estruturadas).

As primeiras foram consideradas prioritárias; sendo mais perceptíveis para o visitante comum, eram também aquelas que mais prejudicadas ficavam com a sua presença, nesta fase precoce de aproveitamento cultural da jazida, ao caminharem, inadvertidamente, sobre elas, provocando desmoronamentos e destruições pontuais. Por outro lado, as pequenas estruturas elementares — sobretudo as lareiras estruturadas — revelavam-se muito sensíveis, tendo-se

optado, nalguns casos, pela sua cobertura integral, até se desenvolverem ou definirem as técnicas de conservação mais adequadas a estes casos.

Estudaram-se exemplos de intervenção anteriores; no povoado do Zambujal - Torres Vedras, as estruturas arqueológicas mais monumentais foram alteadas, respeitando o mesmo tipo de aparelho, utilizando-se separadores constituídos por lajetas de calcário (escavações dirigidas por E. Sangmeister e H. Schubart). Mais recentemente, no povoado do Monte da Tumba - Alcácer do Sal, optou-se por camada separadora, de argamassa, pintada de ambos os lados (escavações de C. Tavares da Silva e J. Soares).

Teve-se, igualmente, em consideração, as características estruturais das construções e a natureza da matéria-prima utilizada. Trata-se geralmente de blocos calcários, avultando os calcários duros, recifais, do Cenomaniano superior, e os calcários margosos, maciços ou finalmente estratificados (neste caso dando origem a plaquetas, utilizadas com frequência em lageados), do Cenomaniano superior (calcários de fácies lagunar) e do Cenomaniano médio. Mais raramente, ocorrem materiais reaproveitados (mós manuais de arenito) e blocos basálticos, oriundos dos afloramentos do Complexo Vulcânico de Lisboa, existentes a pouco mais de duzentos metros.

Como ligante, utilizou-se argamassa margo-argilosa, de coloração amarelo-esbranquiçada, tal como os blocos calcários, existentes com grande abundância no local (afloramentos do Cenomaniano médio aflorantes na encosta subjacente à plataforma de calcários duros onde assentou o povoado pré-histórico).

Este foi o processo construtivo geral, desde a primeira ocupação, datada do Neolítico final da Estremadura, até à derradeira, correspondente ao Calcolítico pleno da Estremadura, abarcando cinco fases construtivas principais, no decurso das quais é notória a degradação da qualidade construtiva, expressa por muros cada vez menos robustos, tanto ao nível das construções defensivas como das habitacionais (Cardoso 1989).

2.3. Processos adoptados

O processo de reconstrução geral adoptado em Leceia, encontra-se, esquematicamente, representado na fig. 1.

— Sobre a superfície do muro original assentou-se camada de cimento com espessura média de 5 cm. A diferença de coloração é suficiente para assegurar diferenciação relativamente à parte existente; ao mesmo tempo, confere maior robustez à estrutura (inserção de um elemento rígido, no seio de conjunto de fraca coesão);

— O alteamento dos muros efectuou-se, depois, sobre a camada de cimento fresco. Os blocos utilizados encontram-se disponíveis, abundantemente, no local, resultantes do desmoronamento das estruturas. Procedeu-se a escolha dimensional e de formatos, de tal forma que os paramentos interno e externo se assemelhassem aos originais, tendo atenção a já referida variabilidade das características construtivas, consoante a natureza das estruturas (defensivas ou habitacionais) e a sua cronologia, dentro das cinco fases construtivas principais consideradas. O interior dos muros, foi preenchido por blocos de menores dimensões, tal como se verificou ser o caso nas antigas construções.

A argamassa utilizada como ligante foi obtida pela mistura de material argilo-terroso, obtido da própria escavação — em especial das camadas de abandono, em que abundava — com cimento, na proporção aproximada de 4:1. Tal argamassa, depois de seca, em pouco se diferenciava da original, salvo nas suas características de resistência e coesão.

— A altura a que se levou a reconstrução dos muros foi variável, consoante se tratasse de estruturas defensivas ou habitacionais, em geral superior nas primeiras. Tal opção teve em consideração os seguintes aspectos:

- sendo as estruturas defensivas muito mais robustas, constituídas por muros mais largos, o desejado efeito visual resultante do restauro só seria efectivo se o respectivo alteamento fosse proporcional àquela largura;

- nas habitações, a altura a que se desenvolveria a cobertura é difícil de estimar, bem como as características desta (em falsa cúpula, conforme é sugerido pelas plantas circulares e muros robustos, constituídos por blocos bem alinhados, no Calcolítico inicial, e de elementos vegetais, nas precárias habitações do Calcolítico pleno).

Porém, também as estruturas defensivas apresentavam dificuldades; a estrutura de alvenaria poderia apenas corresponder à sua parte inferior (a escavada), desenvolvendo-se em altura como estrutura de adobe. No Zambujal, parece não ter sido assim; porém, a

abundância de material margo-argiloso nas camadas de derrube correspondente às três fases de derrubes correspondentes às edificações das construções defensivas mais importantes (Fases II, III e IV construtivas), poderá sugerir tal técnica construtiva.

Tendo em consideração as dificuldades expostas, os alteamentos foram modestos, nunca ultrapassando, nas estruturas defensivas, 0,40m de altura. O topo das partes reconstruídas foi deixado propositadamente irregular, como se mostra no alçado lateral e na secção apresentados (fig. 1); assim se pretende sugerir o prosseguimento em altura da estrutura, bem como dificultar a circulação de visitantes sobre elas.

O trabalho de reconstrução terminará, em cada caso, com marcação de um sulco oblíquo, em cada pedra espaçada de 0,80 a 1,0m, em ambas as faces dos muros e no limite da zona original (fig. 1). Esta marca, que passará imperceptível ao visitante comum, constituirá elemento adicional de diferenciação.

Alguns exemplos de reconstruções efectuadas apresentam-se nas figs. 2 a 5, comparando-se a situação actual com a inicial.

Nalguns casos particulares, as reconstruções não se efectuaram em altura, mas horizontalmente; são exemplo as Estruturas M e N. Trata-se de dois lageados, de contorno arredondado, talvez destinados ao processamento de cereais¹(eiras) ou à secagem de vegetais (favas, por exemplo), constituindo estruturas inéditas, ao que se saiba, no nosso país. Tendo sido severamente danificadas, antes que os trabalhos de escavação se iniciassem, pela abertura de buracos com retroscavadora, destinados ao plantio de árvores, foram totalmente reconstruídas em 1989, seguindo-se a mesma metodologia.

2.4. Área intervencionada

Considerou-se que as acções reconstrutivas teriam maior eficácia (e impacto visual) se fossem sendo progressivamente estendidas a partir de determinado sector. Seria, por outro lado, a melhor forma de aferir a eficácia dos resultados. A área escolhida para o início dos trabalhos situa-se no sector NE da escavação; teve-se em consideração que a progressão dos trabalhos se tem realizado para Oeste e Sul, possibilitando, assim, o alargamento da área intervencionada por trabalhos de restauro paralelamente ao da própria escavação. Na fig. 6 assinalam-se ambas as áreas, na situação correspondente ao final da campanha de 1989.

Foram as seguintes as estruturas restauradas até ao presente:

Fase II construtiva (início do Calcolítico inicial)

- Bastião C
- Bastião H

Fase III construtiva (fase média do Calcolítico inicial)

- Entrada D3
- Cubelo D4

Fase IV construtiva (final do Calcolítico inicial)

- Muro Q
- Casa L

Fase V construtiva (Calcolítico pleno)

- Muro J

3. Conclusão

Os trabalhos de reconstrução das estruturas, levados a cabo em Leceia, em 1988 e 1989, interessaram a área NE da jazida, estendendo-se, progressivamente, para Ocidente e para Sul. Os resultados consideram-se muito positivos, encarando-se de muito interesse o seu prosseguimento. Por um lado, dar-se-à resposta aos problemas intrínsecos de conservação das estruturas arqueológicas; por outro, tornar-se-à a área arqueológica mais atraente e "legível", dando-se, desta forma, resposta a um dos objectivos primaciais dos trabalhos em curso.

4. Agradecimentos

É muito grato ao signatário manifestar o seu agradecimento:

— Ao IPPC, pelos meios que tornaram possíveis a estadia de dois técnicos de restauro, em 1988 e 1989, bem como pelos apoios financeiros plurianuais, concedidos para a realização dos trabalhos de escavação;

— Ao Dr. Fernando Real, Director do Departamento de Arqueologia do IPPC, impulsionador empenhado, desde a primeira hora, da realização destes trabalhos; a ele se ficam a dever, também, numerosas trocas de impressões que valorizaram os resultados obtidos;

— À Dr^a Adília Alarcão que, em troca de impressões havida no local, esteve na origem da realização dos trabalhos, tendo ainda possibilitado a presença dos dois técnicos, formados no Museu Monográfico de Conimbriga, de que é Directora;

— Aos técnicos que intervieram, em 1988 e 1989 nas acções de restauro (António Simões, António Torrão e Fátima), pelo excelente trabalho realizado;

— À Câmara Municipal de Oeiras e ao seu Presidente, Dr. Isaltino Morais, pelos apoios logístico e financeiro com que, ano após ano, os tem acompanhado.

Bibliografia

ALARCÃO, A., 1987, Arqueologia e Turismo, *Actas das 1^{as} Jornadas de Arqueologia do Nordeste Alentejano (1985)*, p. 9-11

ALARCÃO, A., 1988, Os museus monográficos e os sítios arqueológicos - uma opinião, *Arquivo de Cascais*, 7, p. 269-274

CARDOSO, J. L., 1986, O povoado calcolítico de Leceia, *Oeiras Municipal*, 14, p. 17-18

CARDOSO, J. L.; SOARES, J. e SILVA, C. TAVARES DA, 1987, Oeiras há 5000 anos. Monografia de Leceia, *Câmara Municipal de Oeiras*

CARDOSO, J. L., 1989a, Leceia - resultados das escavações realizadas - 1983-1988, *Câmara Municipal de Oeiras*, 146 p.

CARDOSO, J. L., 1989b, Autarquia, arqueólogos e IPPC recuperam castro de Leceia, *Oeiras Municipal*, 24, p. 17-18

REAL, F., 1989, *Intervenção nas II Jornadas Arqueológicas do Nordeste Alentejano* (Monforte 1989), em curso de publicação nas respectivas actas.

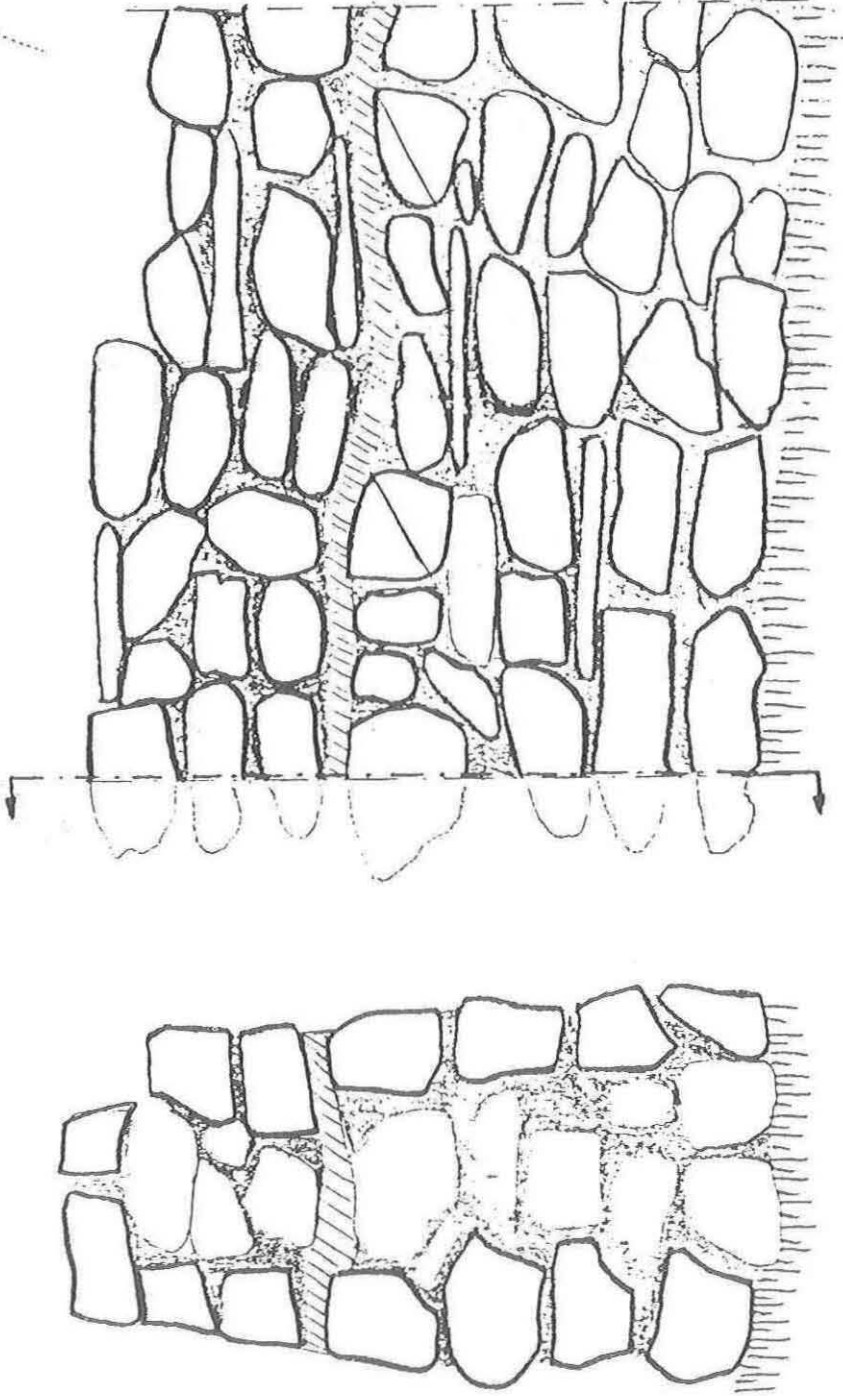


Fig. 1 - Esquema de reconstrução de um muro idealizado.



Fig. 2 - Vista geral da zona NE da área escavada, antes dos trabalhos de reconstrução.



Fig. 3 - vista da mesma zona da Fig. anterior, no decurso dos trabalhos de reconstrução das estruturas. A Casa L encontra-se já reconstruída (ao centro em segundo plano), bem como a Muralha J, ao centro. As Estruturas M e N, do lado direito, ainda não se encontravam restauradas.



Fig. 4 - Delimitação esquemática da área escavada até final de 1989, com a sinalização (a tracejado oblíquo) da zona em que se procedeu a restauro de estruturas. O segmento assinalado corresponde a comprimento de 20m.